

NO BAIRRO TEM IGREJA: PRÁTICAS CULTURAIS ENTRE JOVENS PENTECOSTAIS*

Elias Evangelista Gomes**

Resumo: Este estudo buscou compreender como os jovens evangélicos de uma igreja evangélica pentecostal, na periferia de Belo Horizonte, vivenciam e elaboram suas práticas culturais. Por meio de uma pesquisa etnográfica buscamos apontar os elementos que agregam os jovens na igreja, a centralidade da música e dos estilos visuais adotados por eles.

Palavras chaves: Juventude. Práticas culturais. Estilo e música.

Introdução: “Te conhecer e prosseguir em te conhecer”

Sábado. O culto era dirigido aos e pelos jovens e começou às 19h30. Os jovens chegavam com roupas da moda, cabelo com gel, alguns com corte tipo ‘moicano’, luzes, escovado. A pastora Heloísa fez a abertura. Pediu às pessoas presentes que repetissem o tema do culto. Ela disse que muitos revolucionários gritavam assim: ‘Para que ser escravo se posso ser livre’!, repetiu esta frase, junto com os jovens, várias vezes e em alta voz. *Passou a palavra* ao grupo de louvor. Eles cantaram músicas bem animadas, com palmas e coreografia. No fundo do templo, em baixo do mezanino onde ficam os equipamentos de sonoplastia, os jovens, todos do gênero masculino, dançavam de um lado ao outro, pulando e gritando. Todos eles sorriam muito, pareciam se divertir bastante. O grupo ministrava o louvor e eles animavam o restante do espaço. Pediam ‘bis’, ‘Mais um, mais um’, assobiavam, promoviam movimentações agitadas. Em uma música que falava ‘prosperarei, transbordarei, para a direita, para a esquerda, na minha frente e para traz, por todo lado, oooo, sou abençoado, eiêêê, em tudo que faço, ooo sou abençoado, eiêêê’.⁴⁹ Bernardo, quem ministrava o louvor chamou os meninos que dançavam no fundo para dançarem com o grupo de louvor na frente. Fizeram coreografias e os outros jovens, aqueles que estavam nas cadeiras, acompanhavam e a pastora também dançava junto. As pessoas sorriam muito, pareciam se divertir. (Caderno de campo)

A Comunidade Evangélica da Restauração (CER) foi criada em 1996, após a cisão do pastor⁵⁰ e alguns membros com a Igreja Assembléia de Deus. Os *irmãos* que promoveram a ruptura continuaram a congregar-se na casa de uma das *irmãs da igreja*, depois se instalaram em um *salãozinho*, onde ficaram três anos, até alugarem um salão maior onde fica a atual sede.

* Artigo apresentado como comunicação de pesquisa no 34º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos, 2007.

** Cientista Social formado na Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisador do Observatório da Juventude UFMG, mestrando em Educação – área de Sociologia da Educação – da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e membro do Conselho Municipal da Juventude de Belo Horizonte.

⁴⁹ Essa música faz parte do repertório do “Ministério Apascentar” – Nova Iguaçu – Rio de Janeiro – CD *Deus de Promessas*. Atualmente é um dos grupos de música *gospel* que mais *bomba* nas igrejas evangélicas.

⁵⁰ Pastor Gilmar Garibaldi, hoje pastor-presidente da CER.

A igreja está localizada na fronteira entre dois bairros da regional Venda Nova, na cidade de Belo Horizonte. São bairros da periferia da cidade habitados por trabalhadores das mais diversas profissões e que concentram profissões de menor prestígio social, trabalhos temporários, informais e precários. Situa-se perto da área comercial, de pontos de ônibus, onde há maior circulação da população dos bairros. A maior parte dos membros se conhece de outros espaços do bairro. Uma característica do bairro onde está situada a igreja – característica que talvez se amplie por boa parte dos bairros periféricos da cidade de Belo Horizonte – é que, mesmo sendo um bairro de uma cidade grande, as pessoas se conhecem porque, muitas vezes, vivem a *vida inteira* no mesmo bairro, freqüentam as mesmas escolas, as mesmas igrejas, o mesmo comércio, as mesmas praças, o mesmo centro de saúde etc., e ainda vivenciam problemas sociais semelhantes, tais como a violência, os conflitos do narcotráfico, a falta de equipamentos públicos, a precariedade dos serviços governamentais, o alto índice de desemprego, dentre outros.

A CER, apesar de não ter na parte externa do templo a *pompa* dos templos catedrais das grandes igrejas centrais da cidade, é um templo bem visível para quem passa por perto. É *lá*, na CER, que se congregam jovens que vivenciam suas práticas culturais enquanto “jovens e evangélicos”. Assim tornou-se possível, por meio das informações dos jovens, conhecê-los mais, refletir sobre suas práticas culturais e fazer um exercício de análise sobre os estilos juvenis, os *pontos tensão* que permeiam suas experiências como *jovens na igreja e da igreja*, presentes no mundo e a sociabilidade produzida a partir do *grupo de louvor*.

Além do “dó-ré-mi”: outros visuais são possíveis!

Gel no cabelo, cabelo arrepiado. Todos os *meninos da igreja* têm cabelos curtos, e aqueles que têm os cabelos crespos cortam-nos mais curtos ou raspam-nos com máquina. Alguns jovens na igreja fazem luzes no cabelo, contrariando as regras pastorais. Outras estéticas, que eram exclusividade, até certo tempo, do mundo feminino, vão sendo incorporadas pelos jovens evangélicos. Observando o contexto histórico do pentecostalismo no Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, era inimaginável pensar em mulheres pintando os cabelos, pois isso era considerado um *escândalo*. Mais ainda se um homem evangélico que colocasse brincos ou tivesse cabelos coloridos... São mudanças como estas que correm o tempo todo nas igrejas evangélicas. Aquilo que é considerado *tabu* em pouco tempo pode ser considerado mais um elemento de identificação dos evangélicos. Entretanto, observando a diversidade das igrejas neopentecostais, percebe-se que cada igreja incorpora as mudanças em momentos e formas de interpretações diferenciadas. Nesse sentido, as juventudes evangélicas têm desenvolvido um papel protagonista

no deslocamento de postura das igrejas diante daquilo que dado como rígido. Segundo Tales,⁵¹ “pintar o cabelo é coisa de favelado”. Os jovens que modificam a tonalidade dos cabelos com mechas de luzes e reflexos dourados, para ele, tornam-se semelhantes aos *pagodeiros*, como é caso do cantor Belo, músico de pagode. Ao referir-se aos jovens que modificam o corpo e constroem novos estilos, refere-se a si mesmo, aos seus próprios cabelos, combinando essa visão com sua condição de morar em um bairro popular.

Os *jovens da igreja* que têm o cabelo pintado escolhem um visual destoante daquele apreciado pelo pastorado. São bem-vindos à igreja, porém são proibidos de participar na “frente da igreja”, por exemplo, do *grupo de louvor*. Esse conflito de apreciação estética, em muitas ocasiões, foi motivo de afastamento de *jovens da igreja*, como observei em uma das conversas com Bernardo⁵²

Durante o almoço, Bernardo me disse que na CER havia muitos jovens, mas, com a pressão do pastor Gilmar Garibaldi, muitos deles se afastaram da igreja. Relatou o caso de um jovem que cantava no grupo de louvor da igreja. Ele acabou saindo, após ser disciplinado pelo pastor por ter colocado um *pearcing* na sobrancelha. O jovem foi retirado de todas as atividades que desenvolvia na igreja, inclusive no grupo de louvor. Ele disse que a CER era cheia de jovens, mas nem todo mundo agüenta a pressão da igreja, que é ‘cheia do pode e não pode’. ‘Eles pressionam demais os jovens’, ele ressaltou isso várias vezes durante a parte da tarde’. (Caderno de campo)

Ao experimentarem outras manifestações estéticas, por meio de acessórios, roupas e intervenções no corpo, os jovens provocam um embate com o setor da igreja que tem poder de disciplinar. Aqueles jovens que interpretam suas práticas e construção de estilo como corretas e se vêem estigmatizados ou mesmo excluídos se afastam da igreja, *desviam-se* ou, mesmo, vão para outras igrejas que s aceitam *do jeito que eles são*, do modo que se apresentam à sociedade.

As modificações corporais promovidas pelos jovens em seus corpos constituem uma tendência observada em diferentes partes do mundo. O corpo é considerado, então, um espaço de expressão cultural, gerador de sentidos e significados, que interage com uma comunidade, como nos mostra o mexicano, Cupatitzio Piña Mendoza (2004):

Cuando todo se vuelve inaprensible, la única certeza que queda es la del cuerpo. Cuando la identidad se encuentra cuestionada por los incesantes cambios de sentido y de valores que marcan a la época contemporánea, cuando a temporalidad social se define por la fugacidad, cuando los otros parecen diluirse y se hacen menos presentes, cuando el reconocimiento de uno mismo se vuelve

⁵¹ Tales tem 16 anos e está no terceiro ciclo (equivalente à sexta série) do Ensino Fundamental em uma escola municipal do bairro, no turno noturno. Ele participava do grupo de louvor antes de ser disciplinado por não cumprir as regras da igreja e do grupo. Segundo Tales, é melhor estar em disciplina, pois pode fazer o que quiser, sem ter cobranças ou ameaças de exclusão das atividades, uma vez que já está excluído.

⁵² Bernardo, 18 anos, é estudante do terceiro ano do ensino médio da Rede Estadual de Educação. Trabalha em empregos temporários e ajuda seu pai em uma loja (padaria e mercearia) instalada em sua própria casa. Mora em um ponto do bairro que outros jovens da igreja, do sexo masculino, consideram estratégico. Em frente à casa eles ficam *de bobeira*, conversando e em constante interação. Neste sentido, Bernardo cumpre um papel de *referência* para os outros jovens. O jovem, atualmente, não tem um namoro fixo.

un problema, queda el cuerpo para hacer presente una reivindicación de la existencia. Hoy se está produciendo un cambio de ciertas normas corporales y emerge otro umbral de sensibilidad, aparecen nuevas maneras de hablar del cuerpo y nuevos lenguajes del cuerpo. Surge un nuevo imaginario que conquista prácticas y discursos inéditos, que permiten plantear la valoración de las funciones corporales como referente para la construcción de la identidad personal y colectiva (p. 84).

Essa tendência permeia o cotidiano de cada jovem da nossa pesquisa, que se dispõe a intervir e transformar-se, tendo seus corpos como instrumento da expressão estética. O corpo modificado gera constrangimentos e enfrentamentos de afirmação e reconhecimento e pode torna-se um painel de diferentes combinações de experiências estéticas.

Nessa direção, constatei que as escolhas e experimentações visuais juvenis são problemáticas constantes para muitos *anciãos da igreja*. Percebi, porém, nos jovens significativas diferenças de compreensão daquelas manifestadas pelo *mundo adulto* sobre as intervenções corporais. Para Josué, um jovem pastor com 23 anos, as múltiplas formas de apresentação visual de crentes e evangélicos jovens não lhe incomodam⁵³. Como pastor-jovem/jovem-pastor, pode-se observar em seu discurso que as diferenças de opções visuais são consequência do

costume de idade. Hoje em dia o que acontece é que tem gente jovem que gosta de ter o cabelo grande. Já os anciãos se ver o jovem de cabelo grande já ficam pirados né? (Risos). Eu não vou falar assim que é errado o que é certo entendeu! eu não vou falar isso, mas cada um tem seu costume, e isso dá um choque entre isso de cabelo grande um monte de coisa aí que acontece de discriminação com relação a idade. Exemplo, às vezes um ancião vê um jovem pintar o cabelo de roxo e fala: 'Meu Deus, irmã, o que isso que você fez'? Ele acha muito estranho. Já pra mim, que sou jovem e sou pastor, sou pastor e sou jovem, pintou o cabelo de roxo problema dele ficou bonito irmão, ficou então beleza, estou nem aí. Tem pastores, igual meu pai, que não gostam de cabelo grande, e, se um rapaz chegar de cabelo grande pra tocar para mim, não tem nada a ver, normal. Os outros pastores – eu sou o mais *jovem da igreja* – todos tem dos seus 30 pra lá (risos), 30, 40 pra lá. Eu já sou mais jovem, eu já olho as coisas de outro jeito, mas oramos ao mesmo Deus da geração deles, embora tenhamos costumes diferentes de beleza. (Josué, grifo nosso)

Para Josué sua geração, em grande parte, já assimilou diferentes maneiras de expressão estética e da moda. Sua abertura para outras possibilidades visuais pode, com o tempo, gerar mudanças na postura da igreja diante os estilos tidos com *santos e profanos*.

Quando os jovens experimentarem novos e diferentes estilos, por vezes, são considerados transgressores de regras e padrões estabelecidos. Por outro lado, ao se modificam contribuem na revitalização da paisagem humana contemporânea através de estilos construídos por meio de combinações de símbolos, no sentido mais recorrente da nossa sociedade: a *releitura*. Os jovens

⁵³ Josué, 23 anos, é pastor da igreja, filho do Pastor-presidente, Gilmar Garibaldi, coordena o *grupo de louvor* e namora Marcela, integrante do grupo. Semanalmente, o jovem divide suas atividades entre tarefas de zeladoria do

inovam o existente com base na nossa própria sociedade. Refiro-me a *estilos referenciais* pelos quais os jovens observam, lêem, relêem e escrevem outras possibilidades visuais.

Como exemplo desses *estilos referenciais*, um dos grupos de inspiração dos jovens músicos, instrumentistas e vocalistas, *Hillsong*, uma banda evangélica australiana, traz em seus DVDs diferentes estilos estéticos e visuais: músicos de *dread*, homens de cabelos longos, coloridos, anéis e brincos; mulheres de calças, com o *corpo coberto*, em um ambiente em que as pessoas, ao louvarem Jesus, pulam e dançam, tudo isso em um palco com muita luz colorida e fumaça. A polifonia de estilos estéticos visuais e musicais vitaliza a cena de louvor do *Hillsong* e propaga-se para outras partes do mundo, chegando à periferia de Belo Horizonte, na CER. A fala de Ana Catarina⁵⁴ nos confirma como essas influências podem influir no seu vestuário

O *Hillsong* tem muito a ver até com meu estilo de roupa (risos). Só não sou loura como a mulher, mas me espelho nela. Não tenho vergonha de falar mesmo, se você vir o *Hillsong* vai falar: 'Oh! Essa mulher parece com você'. Eu que pareço com ela. Eu acho o jeito de ela pensar, o livro dela, estou louca para ler e não tive tempo ainda, se chama *Adoração Extravagante*. Eu penso muito igual a ela. Mas não é pela questão de pensar não, a personalidade até que é a minha mesmo (risos), mas assim me identifico com ela. Na forma de pensar eu sou extravagante mesmo quando a questão é Deus, quando trata desse assunto, aí eu sou extravagante igual o livro fala. E, assim, roupa, talvez. Talvez não, acho que é o estilo de roupa que eu gosto. É um estilo mais *pop*, mais *paty*, né? Eu acho legal. Sério. Mas eu também gosto de música americana, *gospel*, que é os negão estão cantando, eu gosto daquilo. Eu não gosto de sertanejo, baião esses trem, assim, eu não gosto. Tipo a música brasileira, eu não gosto. Eu não deveria não gostar, mas eu não gosto. (Ana Catarina)

A apreciação musical abre portas para que os jovens possam reparar com atenção, tomar em consideração os estilos disponíveis no *mundo evangélico* e combiná-los com outras preferências musicais e visuais. Darlene Zschech, vocalista do *Hillsong*, é um referencial para Ana Catarina não apenas pelas roupas que usa, estende sua *potência referencial* para outros aspectos da vida da jovem. Percebemos certa assimilação de idéias, das formas de ver o mundo, de posturas sociais e cristãs baseadas nos estilos disponibilizados por artistas e tipos musicais preferidos. Trata-se de uma articulação entre estilo musical e estilo estético. A música possibilita o encontro de estilos produzidos por jovens de diferentes lugares do mundo e origens sociais, quando observam, lêem, relêem e escrevem em si mesmos estilos visuais, musicais e sociais revitalizados.

Essa discussão parece se relacionar com o cenário de múltiplas identidades visíveis atualmente, sendo um de seus vetores a expressão no corpo daquilo que se pretende mostrar e ser. Trata-se do ideal da autenticidade, um dos pilares da construção da identidade

templo da CER, namoro, família e aulas de música que oferece aos membros da igreja.

⁵⁴ Ana Catarina, 23 anos, é estudante de Pedagogia Especial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Trabalha como recepcionista em um laboratório de análises clínicas. Atualmente não namora e divide suas atividades semanais entre o trabalho, a faculdade e a família.

contemporânea, ou seja, uma autenticidade referenciada, *bricolada*, pois a partir de vários estilos é possível, também, construir uma identidade. Sendo a igreja enquanto instituição socializadora, torna-se um *locus identitário*, onde os fiéis vivenciam uma identidade evangélica. Contudo, a igreja compartilha com outras instituições a responsabilidade por esta socialização, tais como a mídia, a família, a escola e outros *locus identitários* que contribuem para a formação da identidade dos jovens⁵⁵.

A construção da identidade estaria, portanto, apoiada no grupo, nas suas realizações, nos limites impostos, num jogo de interações, ora tranqüilas, ora conflituosas, entre a capacidade de se reconhecer e de se fazer reconhecido, ou seja: *quem sou eu e com quem eu me identifico* (ANDRADE, 2005, p. 20) grifos da autora.

As identidades tornam-se cada vez mais visíveis e influentes, como nos mostra Carlos Henrique Martins (2004, p. 31): a identidade na contemporaneidade compõe a coloração das bandeiras políticas de grupos sociais, tornando expressivas, capazes de favorecer lutas por mudanças sociais, ou seja, “a identidade deixa de ser silenciosa, ela é expressão, tem voz e quer vez”.

Os jovens nos sugerem que outros estilos, outras maneiras de se vestir, de se pentear, de intervir em seus próprios corpos são possíveis. A igreja já é um palco onde se apresentam as múltiplas cenas musicais, que podem ser incrementadas por eles ao se modificarem no corpo e na atuação. Alguns deles salientam, contudo, que estão dispostos a “pagar o preço”⁵⁶ para serem acolhidos e lhe permitirem desenvolver outras atividades preferidas. Para estarem no *grupo de louvor*, por exemplo, *pagam o preço* de tencionarem com mais leveza os *pontos de tensão* da relação adulto-jovem que outros jovens que não possuem cargos na igreja.

Ser ou não ser? Ou ser e também ser? “Pontos de tensão” na igreja e fora dela

“Eu não sou atriz, o que sou na igreja, também sou fora”; “a igreja põe limites”, “mas a gente escapa”. Essas são algumas das falas que mostram a tensão vivida pelos jovens na igreja e no mundo.⁵⁷ Trata-se de uma tensão pelo fato de serem jovens e serem evangélicos ao mesmo tempo, mostrando as ambigüidades presentes no esforço dos jovens em articular experiências juvenis e evangélicas na igreja e no mundo. Ao expressarem sua condição juvenil na igreja,

⁵⁵ Este ideal de autenticidade refere-se ao desejo do sujeito de estar em sintonia com um estilo de vida que, ao mesmo tempo, o aproxime de certo grupo também o torne reconhecido por sua individualidade. Aparentemente, levantamos mais uma vez a polêmica sociedade x indivíduo, porém aqui falamos de autenticidade tanto do indivíduo como do grupo social que pertence.

⁵⁶ Segundo Bernardo, *pagar o preço* significa “seguir aquilo que o líder está te indicando a fazer, se pedir para fazer alguma coisa você faz, não obrigatoriamente [entende-se, não porque concorda], mas faz porque você está obedecendo ele”.

⁵⁷ Nesse caso o mundo não é um território “dos perdidos”, daqueles que não são evangélicos, mas espaço geográfico

quando estão sob supervisão dos pastores e pastoras, porém, provocam inúmeros conflitos com o mundo adulto que os compreende numa única condição, a ser expressa publicamente – a condição de cristãos evangélicos ofuscando a dimensão de serem também jovens⁵⁸.

A passagem e a permanência dos *jovens na igreja* são permeadas por práticas culturais no espaço do templo e, como *jovens da igreja* – forma como são identificados e se identificam –, suas manifestações culturais dilatam-se para outras territorialidades, do bairro e até mesmo do corpo. As casas dos jovens, onde assistem a filmes e fazem festas; as esquinas do bairro, que se tornam ponto de encontro e agrupamento; os salões de beleza, onde modificam seus corpos, são espaços de fortalecimento e construção de múltiplas expressões do estilo de vida juvenil.

Os *jovens da igreja* são chamados a viver uma vida de *santidade* que espelhe para o mundo⁵⁹ as diferenças entre ser jovem evangélico e ser jovem *mundano*. Ao aceitarem esse convite, assumem uma relação que apresenta vários *pontos de tensão*, na qual são criados mecanismos e práticas de obediência e contestação, submissão e rupturas. Tudo isso em um cenário em que a juventude se transforma o tempo todo. Transformam a igreja e são transformados, enquanto pulam e dançam, durante e fora dos cultos, e enquanto lêem, relêem e escrevem seus estilos.

A tensão entre ser jovem e ser evangélico tem como um dos eixos a problematização das expressões corporais. Não são proibidos de apresentá-las, pelo contrário, no pentecostalismo é bastante comum esta prática: “pulinhos”, “gritos” (MARIANO, 1999). Ao dançarem na igreja, os jovens buscam ressignificar os *passinhos*, por exemplo, do *funk* ou do *cancã*. Essa ressignificação dos *passinhos* nos mostra que os jovens conseguem articular o sagrado e o profano em um espaço que *a priori* é tido pelos pastores como exclusivamente sagrado.

Contudo, observamos que o momento de construção coletiva das coreografias é de diálogo, de conversa, nos quais criam expectativas, questionam o formalismo e a doutrina da igreja, traduzindo (ressignificando) para o evangélico suas preferências e experiências, que não se limitam à igreja, e exteriorizam práticas culturais apropriadas de outros espaços e instituições sociais, como a mídia, que também os influencia.

fora da igreja, da vida social externa ao espaço físico da CER.

⁵⁸ A igreja possui sete pastores (Pr.) e pastoras (Pra.), sendo cinco do gênero masculino: Pr. Gilmar Garibaldi, Pr. presidente; Pr. Tércio, responsável pela Escola Bíblica Dominical (um espaço de estudo e ensinamentos sobre a Bíblia), que acontece aos domingos de manhã; Pr. João Marcelo, auxiliar nas atividades da igreja; Pr. Francisco, vice-presidente da igreja (estes dois últimos são irmãos da Pra. Stella e cunhados do Pr. Gilmar); Pr. Josué, 23 anos, é o mais jovens da junta pastoral e é filho do Pr. Gilmar Garibaldi e Pra. Stella. A igreja tem duas pastoras: Pra. Stella, esposa do Pr. Gilmar, mãe do Pr. Josué e irmã dos Prs. Francisco e João Marcelo, é responsável pela Sociedade de Senhoras e pelo acompanhamento das mulheres; e a Pra. Heloísa, responsável pelo pastoreio da juventude.

⁵⁹ Nesse caso, o mundo é visto na perspectiva evangélica: o território daqueles que “jazem no maligno”, um território não cristianizado, onde Cristo – o sagrado – não faz parte, por não compactuar com a perversidade das práticas *mundanas*. Por outro lado, na nossa perspectiva no mundo há, também, a presença do Cristo – o sagrado – em cenário de religiosidades desinstitucionalizadas, as pessoas se apropriam da mensagem cristã e constroem

O culto formal caracterizado pela sisudez é rompido quando germina a ecoante e polifônica agitação juvenil dentro do templo evangélico. A presença participante dos jovens durante o culto, expressa nas danças, *conversinhas ao pé do ouvido*, brincadeiras e o impacto provocado pelas diferentes estéticas são exemplos da transformação promovida pelos jovens na igreja. Os jovens trazem elementos de práticas culturais que os identificam como jovens, e a expressividade desses elementos transforma o espaço religioso em um espaço mais apropriado às suas expectativas e práticas socioculturais, tencionando de múltiplas formas aquilo que chamamos de *pontos de tensão*: ser jovem na igreja e ser evangélico no mundo.

O discurso oficial da igreja transmite a idéia de que o culto tem fins apenas espirituais. Entretanto, percebo que para muitos jovens o culto funciona também como espaço de diversão, de brincar e de interagir, de se tornarem um grupo. Na igreja, o indivíduo, além de evangélico, é também jovem, ou seja, manifesta dupla condição. Diante disso, a igreja vem assistindo aos efeitos da desinstitucionalização de algumas instituições históricas na socialização da juventude, tais como a família e a escola, e não consegue mais, como religião, impor totalmente um único comportamento, uma única disciplina ou transmitir uma cultura hegemônica fomentada pela instituição.

O comportamento dos jovens no culto é sempre inspecionado por pastores e pastoras. Andar pelo templo durante o culto, segundo eles, “tira a atenção” das outras pessoas e faz com que elas “percam a bênção”. Nesse sentido os jovens são aconselhados, o tempo todo, a se manterem assentados e atentos ao culto, sob o risco de prejudicarem espiritualmente a si mesmos e às outras pessoas. Os jovens são responsabilizados por qualquer agitação dentro do templo, sendo sempre exortados sobre o prejuízo que seus atos podem acarretar à vida deles. Afinal, a ameaça de perder uma bênção pode significar um grande prejuízo para quem necessita e deseja ser abençoado.

Durante o culto, havia certa dedicação dos jovens aos cochichos, *piadinhas*, brincadeiras com celulares. Ao passar alguém por perto, olham, acompanham a pessoa com o olhar e, por vezes, tecem algum comentário, se comunicam no momento proibido. (Caderno de campo)

Os limites e regras colocados pela igreja são, às vezes, transgredidos e questionados no sentido de proporem um afrouxamento ou mesmo a cisão dos *grilhões e amarras* que os tentam prender. Alguns jovens anseiam por um formato de culto que se identifique com suas perspectivas artístico-culturais e, por que não, de lazer. As sugestões incorporam estruturas utilizadas por boates e casas de show. Trazem uma idéia de que o culto deve se assemelhar, de fato, aos espetáculos seculares.

Existem outros *pontos de tensão*, porém, que compõem o cenário de conflito entre jovens e igreja. A relação entre jovens e igreja é mediada, ainda, por uma situação de disputa das denominações evangélicas, às vezes velada, às vezes explícita. O intercâmbio cotidiano por meio da *troca de visitas* entre jovens de diferentes igrejas e suas implicações torna-se por vezes questionadas pelos pastores e pelas pastoras da igreja.

Em um dos cultos observados, a Pra. Stella criticou o fato de haverem jovens que vão a CER para tirar os jovens e levá-los para suas respectivas igrejas. Nesse sentido, percebemos uma grande disputa dessa igreja com as outras, ao sentir-se ameaçada por perder parte de seus membros, em especial a juventude. Na pregação dominical, a pastora esclareceu sua visão de risco:

Aqui, a gente não está atrás de irmãos da igreja A, B ou C, não incentivamos você ficar chamando irmãos de outras igrejas, nem ficar indo em outras igrejas; aqui é a sua casa. Temos que ir atrás daqueles que estão perdidos. Se alguém quiser vir para cá, será bem-vindo, mas não ficamos tirando irmãos de outras igrejas.

Percebemos que a pressão exercida tem algum efeito sobre os *jovens da igreja*, sobretudo nos jovens do *grupo de louvor*, que poucas vezes vão a outras igrejas, além do fato de desempenharem tarefas fixas e serem pressionados a não faltarem aos cultos e atividades eclesiais. Nesse sentido, igreja cumpre um papel inspeção do ritmo das atividades desenvolvidas pelos jovens – O que fazem? Por que faltam? Por que foram em tal igreja? – Aqueles que descumprem as resoluções e regras, planejadas pelo *mundo adulto* para a juventude, corporificadas na junta pastoral, são taxados de desobedientes.

Se durante o culto há inúmeros limites, alguns jovens nos apresentam outras maneiras de agir do lado de fora da igreja, *no mundo*. Fora do culto, a *coisa* é diferente:

O culto terminou, do lado de fora a agitação é maior. Chegavam jovens que não foram ao culto, amigos de outros lugares. Hoje, os meninos cantaram algumas paródias na porta da igreja. Cantavam meio que escondidos, como se não quisessem que as outras pessoas ao redor escutassem, principalmente as meninas. Mas como o burburinho era grande, qualquer pessoa ouvia. Josué, pastor da música, aproximou-se deles e disse que tinham que ‘dar o exemplo’. Ao sair, os meninos continuaram a brincar. Alguém disse que Bernardo, um dos jovens do grupo de louvor, deveria ser o pastor da igreja. Tales retrucou dizendo que se ele (Tales) fosse o pastor a igreja teria joga de luz, muita música boa, o povo dançando e muito mais. Esta fala aparece numa perspectiva dos jovens colocarem em questão o formalismo dos cultos. Sugerem o culto como um momento mais ‘solto’, mais divertido. A música e a expressão corporal compõe o tempo todo a presença de alguns jovens dentro e fora do templo. (Caderno de campo)

Em uma das caminhadas com os jovens, percebi que eles mesmos colocam limites às suas ações, ao se movimentarem por experiências de sociabilidade externas à igreja. Os *meninos* têm noção dos riscos que correm ao transgredir, aliada aos riscos da violência comuns à periferia da

cidade, como ficou evidente ao passamos por uma quadra pública do bairro, onde brincam, sentam e conversam. Às vezes passam por lá – lugar, que “não é lugar de evangélico ficar” – “altas horas da matina”, e somente param para se divertirem quando não há “maconheiros” ou “noiados” assentados por lá. Os jovens têm muito cuidado e ficam vigilantes para não *darem vacilo* e tomarem *batida* da polícia, principalmente quando estão sem a companhia das meninas. O fato de andarem “bem vestidos” e com meninas criam em torno de si uma proteção contra os desmandos da polícia, que “chega mandando todo mundo para a parede”. Parece que nos apontam, com isso, uma forma de mediarem os limites e as transgressões, criando mecanismos de proteção nas atividades de risco:

Antes de assistirem ao filme, levaram as meninas da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), que visitavam a igreja, em casa, desceram e subiram algumas ruas. Na volta da casa de uma delas, chovia um pouco, e eles cantavam várias músicas seculares, de sertanejo, brega, jovem guarda (Bruno e Marroni, Chitãozinho e Chororó, Roberto Carlos, dentre outros). Eles riam muito e cantavam alto pela rua a fora. Brincavam um com outro: ‘Ah! Essa aí você tirou do baú’. Cada um estava atento em trazer informações sobre o cotidiano do jovem evangélico. Era o que eles haviam entendido, até então, sobre a pesquisa. Falavam com certo orgulho e animação que vão ‘direto’ à casa dos jovens da Associação ‘Merendex’⁶⁰ para assistirem a filmes, fazerem churrascos, festas. Buscavam publicizar o incômodo com a idéia de ‘muita gente achar que crente tem que ser bobo’. Segundo eles, o cotidiano deles é permeado por atividades similares àquelas que *jovens do mundo* desenvolvem, mas que eles mesmos se impõem e lhes são impostas. (Caderno de campo)

Apesar das constantes *zoações*, no ambiente havia certa preocupação com os exageros das brincadeiras; policiavam-se a maior parte do tempo. Frederico disse que a igreja põe limites, mas eles se divertem bastante. Cauã disse que eles escapam dos limites e colocam os seus próprios limites. O diálogo que tinham entre eles na minha presença nos mostra um pouco da visão deles sobre limites e como se comportam diante deles⁶¹:

Frederico – A igreja põe limites.
Cauã – Mas a gente escapa.
Frederico – Mas tem limites!
Cauã – É, a gente escapa, mas tem limites.

⁶⁰ “Hoje eles me explicaram o que significa ‘Merendex’: ‘Merendex é tudo de bom. Qualquer coisa que for tudo de bom é merendex, você viu um avião é merendex; se fez alguma coisa legal é merendex, *pegou alguém* é merendex’. Bruninho e Bernardo revezavam na tradução com gestos e risadas. Eles batiam no braço na altura do músculo bíceps e diziam: ‘Merendex, merendex’! É como se fosse uma linguagem própria do grupo. O termo iniciou-se em uma Igreja Evangélica Quadrangular (IEQ) do mesmo bairro. Douglas é *design* gráfico e já elaborou uma logomarca para associação e vão fazer *silk-screen* em camisetas. Porém, nem todos são da igreja, pelo menos um dos jovens membros da *irmandade*, não é fiel da CER, inclusive é chamado de presidente, ele é membro na IEQ.” (Caderno de campo)

⁶¹ Nenhum dos dois jovens pertence ao grupo de louvor, mas ajudam quando possível em alguma atividade da igreja. Pareceu-nos que ambos têm uma participação menos constante que aqueles que cantam ou tocam no grupo. Frederico é pai de um menino (cerca de 3 anos), que em alguns momentos está presente nos encontros dos meninos da Associação Merendex, Cauã é estudante do ensino médio e estuda na mesma escola que outros jovens da igreja. Ambos têm menos de 22 anos e desenvolvem atividades remuneradas temporárias.

Percebemos no diálogo entre Frederico e Cauã que os limites colocados pela igreja são ressignificados em suas práticas sob os signos da transgressão, da *desobediência* e da *rebeldia*. Eles descumprem algumas regras, mas, ao transgredi-las trazem para a relação de conflito pastorado-jovens novos limites, elaborados e reelaborados durante o processo de experimentação. Expressam, assim, uma forma própria de vivenciar a experimentação, uma lógica própria do mundo juvenil já constatada por outras pesquisas, como as de Dayrell (2006), Pais (2003), dentre outras.

Enfim, informam que ao não cumprirem as regras na formatação que é projetada pelos adultos, “são responsáveis” o suficiente para planejar outros limites às suas movimentações e combinar experiências que julgam justas. Ou seja, eles nos mostram que a tensão provocada pelas regras não se origina apenas daquelas impostas pela igreja, mas também por limites colocados por eles mesmos às suas ações cotidianas, quando evidenciam a preocupação com a maneira como serão vistos pelas outras pessoas.

Nessa direção, os jovens nos apontam que na igreja os limites colocados às ações desenvolvidas por eles restringem a diversidade de modos de se apresentarem como jovens. Agem o tempo todo na perspectiva de expandirem as brechas, já abertas por eles, na relação adulto-jovem, capaz de garantir a conciliação das duas dimensões ser jovem e ser evangélico. A perspectiva da tensão existente pela polarização do ser ou não ser – ser jovem na igreja e ser evangélico fora – é alterada quando os jovens nos mostram que é viável ser jovem e ser evangélico, tanto na igreja quanto no mundo, o tempo todo. Essa discussão, certamente, será ampliada na dissertação de mestrado.

“Vem, esta é a hora da adoração”: o grupo de louvor

O *grupo de louvor* da CER surgiu com a fundação da igreja. Ao longo de sua existência, o *grupo de louvor* sofreu inúmeras reformas, tanto de estilo como de composição dos instrumentistas e vocalistas. No início do grupo o estilo musical preferido pelos jovens para as apresentações era o *hard rock*, além de influências do *havy metal*; nessa época “o pessoal gostava mais de um metal”.

Durante a maior parte da década de 1990, poucas bandas se destacaram entre os evangélicos. As bandas de *música gospel* cresceram ao longo da década de 1990 e explodiram, ampliando o número de *apreciadores e consumidores* já nos primeiros anos de 2000. Entre a juventude evangélica, destacaram-se as bandas *Catedral*, *Oficina G3*, *Novo Som*, *Resgate*. Majoritariamente eram referenciadas musical e visualmente no rock-and-roll da década de 1980,

período em que explodiram bandas de rock brasileiras como *Paralamas do Sucesso*, *Legião Urbana*, *Engenheiros do Hawaí*, *RPM*.

Em outubro de 2006, o *grupo de louvor* da CER gravou um DVD no Teatro da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Atualmente, os jovens que compõem o grupo tocam e cantam músicas com um estilo mais comunitário, tendência que vem se consolidando no *meio evangélico*, por intermédio de *ministérios de louvor* que gravam ao vivo, com a presença de milhares de pessoas.

Atualmente o *grupo de louvor* da CER é composto por treze jovens: Josué, 23 anos, líder do grupo, sabe tocar todos os instrumentos, mas nos cultos costuma tocar violão e cantar, é pastor na igreja e namora Marcela, 18 anos, vocalista contralto, estudante do terceiro ano do ensino médio; Jader é baixista, 25 anos, é o vice-líder do grupo, é o único casado (há dois anos), e sua companheira não participa diretamente do grupo, mas atua como apoio nas atividades; Vitor, 27 anos, é baterista e está no grupo desde o início. Atualmente namora uma jovem da Igreja do Evangelho Quadrangular, atua profissionalmente como técnico em radiologia, na mesma clínica laboratorial em que trabalha Ana Catarina, 23 anos, vocalista soprano, que trabalha como recepcionista da clínica e cursa Pedagogia Especial na Pontifícia Universidade Católica (PUC Minas); Artur, 26 anos, é violonista e antes de tornar-se evangélico tocava na noite; Abner, 14 anos, guitarrista, é filho do pastor Francisco e primo de Josué; Ivan, 17 anos, é o outro guitarrista, mas fora do grupo toca também bateria e é estudante do segundo ano do ensino médio; Cecília, 21 anos, vocalista meso-soprano, namora Otávio, 23 anos, tecladista, filho da pastora Heloísa; Bernardo, 18 anos, vocalista e ministro de louvor, conduz as *ministrações* na maior parte dos cultos sabáticos e dominicais, mora entre as casas de Otávio e Cecília e estuda na mesma escola e turno que Ivan, membros do *grupo de louvor*; Douglas, 21 anos, é vocalista, ministra algumas músicas, é profissional de arte gráfica e produz os materiais visuais do grupo; há, ainda, um sonoplasta, Denis, 13 anos, que atualmente estuda música com Josué, está no ensino fundamental e também é vizinho de Bernardo, Cecília, Otávio e Vitor⁶².

Buscamos com esta breve caracterização apontar quais são as atividades desempenhadas por cada *jovem do grupo*, mas também ressaltar a existência de outras redes de convivência para além do espaço do templo e do culto, contribuindo na adesão e permanência dos jovens no ministério de louvor, que ampliam os aspectos da sociabilidade deles. Existe, ainda, um grupo de pessoas (pastores e pastoras, parentes, amigos) – que chamei de *torcida* – que opera numa *área*

⁶² Para feitos desta pesquisa considere a condição juvenil dos pesquisados. Levei em conta a ampliação das fronteiras das idades, não me limitando, assim, a uma faixa etária padronizada. Todos são jovens, a partir das suas manifestações, modos de ser, a partir de uma condição de socialização. Os *jovens novos* interagem de tal forma com os *jovens velhos* que assumem ações semelhantes aos mais antigos. O mesmo acontece com os *jovens velhos*, quando ampliam o tempo de desenvolverem ações que são mais comuns aos *jovens novos*. Produzem um cenário de transição e diálogo entre jovens de diferentes idades e de condições sociais (juvenis) próximas.

próxima, acompanhando as atividades coletivas com certa capacidade de influência nas decisões e interagindo no cotidiano dos *jovens do grupo de louvor*⁶³. As perspectivas dos jovens sobre o grupo são: “Uma família”; “Um só corpo”; “Um é o cabelo e o outro é o braço”; “Se uma parte se machuca o corpo todo sofre”.

“O som do céu na terra”: a centralidade da música

A música está presente em praticamente todos os momentos do cotidiano dos jovens pesquisados. Ela é para eles, a “minha vida” e “a coisa mais importante para mim” e ainda provoca a sensibilidade das emoções, momentos de congregação e o estreitamento de laços de amizade, ou seja, a música está ligada com a maneira de ver e viver o mundo. Nesta mesma direção Weber (1995) aponta que a música é uma forma de arte que combina elementos racionais e irracionais existentes no pensamento, na sensibilidade e em formas culturais. Assim, consideramos que a música desempenha um papel muito importante nos rituais e práticas religiosas as mais diversas, não apenas para os jovens, mas também para os demais fieis. Contudo, nos interesses de nossa pesquisa demos destaque para a centralidade da música entre a juventude.

A musicalidade vem catalisar a aproximação entre os *jovens do louvor* e os outros *jovens da igreja*. Os cantores, instrumentistas e participantes que cultuam incentivam-se e respondem-se, mutuamente, durante o momento musical. Os *jovens do louvor* buscam escolher músicas que “toquem o coração” da igreja e canções preferidas dos outros *jovens da igreja* que atuam como platéia participante nos cultos. O *grupo de louvor* recebe aplausos, gritos e expressões corporais que o motivam. A música, durante o culto, cumpre o papel de canalizar abertamente as motivações não apenas espirituais, mas também corporais e sonoras da juventude. A centralidade da música para os jovens constitui uma linguagem totalizante: inclui corpo, voz, sentimentos, uma forma de expressão “total”, parafraseando Marcel Mauss (1974) em sua teoria de “fato social total”.

A música na igreja tem capacidade de agregar, potencializar relações entre os jovens, estreitar laços de amizade, de companheirismo e promover o encontro de sentidos para a vida. Percebemos que a música tem certo poder de fortalecer a sociabilidade entre os *jovens da igreja*. Essa constatação é confirmada por outros estudos (ABRAMO, 1994; CARRANO, 1999; DAYRELL, 2005) que apontam a centralidade música para a juventude, o que também não é

⁶³ “A minha igreja leva isso [o louvor] bem a sério, torce pela *equipe de louvor*. Igual, ontem [domingo], a gente não participou [estavam se apresentando no interior de Minas], mas eu tenho certeza que o pessoal estava lá [na igreja] intercedendo, graças a Deus”. (Ana Catarina).

exclusividade dos jovens brasileiros e se amplia para outras partes do mundo, como nos mostra Dayrell (2005, p. 36):

A música acompanha os jovens em grande parte das situações no decorrer da vida cotidiana: música como fundo, música como linguagem comunicativa que dialoga com outros tipos de linguagem, música como estilo expressivo e artístico; são múltiplos as dimensões e os significados que convivem no âmbito da vida interior e das relações sociais dos jovens, sendo mais vivida do que apenas escutada. Como lembra Muchow (1968, p. 110), ‘os jovens sentem através da música alguma coisa que não podem explicar nem exprimir: uma possibilidade de reencontrar o sentido’.

As manifestações artísticas promovidas pelos jovens religiosos se assemelham aos shows seculares de dança, música e teatro. Cecília Mariz (2005, p. 267), ao estudar grupos de jovens católicos carismáticos, afirma que a música tem papel central na vivência desses jovens. A música e a dança na igreja reforçam as experiências sociais de efervescência festiva, geradora de um sentimento de coletividade⁶⁴. Por meio da música, os jovens de nossa pesquisa dialogam tanto com o sagrado quanto com os seus semelhantes:

Feçam os olhos e cantam, colocam as mãos no coração e oram, gritam e louvam. Toda esta cena para louvar Jesus é combinada com performances, construídas coletivamente, com expressões referenciadas em danças e palavras de ordem seculares. Para combinar os *passinhos*, coreografias e gritos eles conversam entre si, constroem juntos suas expressões corporais e sonoras. (Caderno de Campo)

O *grupo de louvor* – como grupo cultural juvenil – na igreja facilita a comunicação entre os jovens, amplia as formas de linguagens entre pessoas, entre *irmãos*. A musicalidade na igreja possibilita aos jovens viverem as experiências de estarem lá, juntos, partilharem e problematizar percepções musicais, formas de expressar corporal, sonora e socialmente. Trazem para o templo religioso suas experiências, suas músicas, seus tons de voz e toques instrumentais para um diálogo que possibilita a união e a intercessão de experiências mais amplas que a própria música: a possibilidade de viverem a juventude juntos – a sociabilidade. Para conhecê-los melhor, discutiremos a seguir as formas de incorporar-se ao grupo e tornar-se um “levita do Senhor”.

“Todo dia é dia de adorar ao Senhor”: o encontro no ensaio

O ensaio é um dos espaços onde os *jovens do louvor* operam ações de aproximação e afastamento⁶⁵. Oram juntos, motivam-se a cantar, “dão apoio moral” uns aos outros, mas é nesse

⁶⁴ Para uma discussão mais ampla acerca da música entre os católicos carismáticos cf. Souza (2005).

⁶⁵ Os músicos da igreja encontram-se nas noites de terça-feira e aos domingos pela manhã depois da Escola Bíblica Dominical, por aproximadamente uma hora e meia, para ensaiarem as músicas que cantarão nos cultos e apresentações externas.

mesmo espaço que trazem suas insatisfações e declaram uns para os outros aquilo os aborrecem. Mostram-se dispostos a viver em grupo (em sociedade), mesmo em situações de conflitos, como se percebe nas notas do caderno de campo:

Os instrumentistas e vocalistas fizeram um círculo e, de mãos dadas, fizeram uma oração. Após o período de devoção, perto da bateria começou uma discussão tensa da parte do Vitor, o baterista, com Josué, a respeito do uso do instrumento. Ivan que toca violão queria voltar a tocar bateria. Vitor ficou irritado e disse que ‘o grupo de louvor tem que ser mais profissional’, que ‘não pode ficar com amadorismo’. Por fim, Josué não quis resolver o problema por eles, e, segundo o líder, por isso, deveriam conversar e apresentar-lhe uma ‘decisão conjunta’. Hoje, o ensaio estava ‘desorganizado’. Cada um tocava o que queira, não tinha sintonia. Ana Catarina e Douglas disseram que o ensaio era ‘chato’; era possível perceber a insatisfação na fisionomia dos dois. Bernardo disse: ‘Pode colocar lá na sua pesquisa que o ensaio é muito chato’. Os vocalistas do grupo saíram para uma sala enquanto os instrumentistas ensaiavam uma melodia. Estavam Ana, Marcela, Douglas, Bernardo e Denis. Brincavam bastante durante todo o momento. Cantavam com voz de mulher, imitavam artistas famosos, conversavam sobre a escola, sobre o trabalho. Divertiam-se e davam risadas. Este momento parecia ser também um momento de lazer para aqueles que estavam na sala. Por que não para os instrumentistas? Quando voltaram ao ensaio, precisavam de um intérprete que deveria ter o tom de voz compatível com a música escolhida. Josué incentivou Ana Catarina a cantar a música solo, ele a elogiou, pois a jovem disse que não conseguia cantar. Animando, pediu-lhe que cantasse uma vez para ver se ficava bom. Insistiu até que Ana cantou. Ficou muito bom. Todos gostaram. Ensaíram apenas esta música, pois já estava no horário do almoço de domingo.

Briga e diversão são dois pólos onde os jovens se movimentam constantemente. Fazem uma analogia, por vezes, apropriada, “o grupo é uma família”, dada a liberdade de problematizar aquilo que os indignam no cotidiano do grupo. O ensaio só é “chato” ou só é “legal” porque estão juntos, porque atribuem alguma importância àquele momento: tem que ser organizado porque “é para Deus”, “o louvor tem que sair perfeito”, “é o que eu mais gosto de fazer”.

Estar juntos fortalece-lhes a experiência de se formarem enquanto músicos e sujeitos no coletivo, durante a relação uns com os outros. São mais que *irmãos* tornam-se amigos. Aliás, *tudo ao mesmo tempo agora*: na igreja os jovens convergem para a amizade e a irmandade. Quando partilham a mesma fé, tornam-se *irmãos* na exaltação do sagrado, e quando estreitam os laços de comunhão que os tornam amigos, via mecanismos de aproximação – estar juntos – são capazes de trazer para as relações cotidianas aquilo que traz a alegria, confiança e a “liberdade de dizer o que pensa[m]”.

Observando-se o *grupo de louvor* na ótica do lazer, ao viverem e produzirem o cotidiano por meio da sociabilidade, confirma-se a centralidade ocupada pelas atividades de lazer na vida dos jovens. Os momentos lúdicos possibilitam maior proximidade e cumplicidade entre os sujeitos, fortalecendo laços de solidariedade que motivam uns aos outros (CARRANO, 1999).

“Vem, assim como estás para adorar”: a música para um jovem da igreja

Bernardo, vocalista e *ministro de louvor* começou a cantar ainda criança, quando chegou se apresentar em um programa de televisão⁶⁶. Sua família, antes de ser da CER, fez parte da membresia de outras igrejas, confirmando a tese do “trânsito por dentro” dos evangélicos. Marcos Assis (2005) ao discutir o trânsito religioso entre jovens evangélicos e católicos de Belo Horizonte, conclui que os jovens evangélicos, diferentemente dos católicos – que transitam para fora, ou seja, deslocam-se do catolicismo rumo a outras religiões – transitam por dentro, entre as diferentes denominações evangélicas existentes. Bernardo exemplifica essa discussão sobre trânsito religioso evangélico:

A primeira igreja que meus pais foram era Adventista, depois passamos para a Quadrangular, passamos por várias igrejas, Adventista, Quadrangular, Assembléia de Deus, Universal [do Reino de Deus], Batista do Caminho, Sara Nossa Terra, muitas igrejas. A que agente ficou mesmo foi a CER, até agora.

O deslocamento “final” de Bernardo para a CER ocorreu por causa de seu desempenho musical ao se apresentar em um dos cultos da igreja, a convite da pastora Heloísa, sua vizinha:

Bom, comecei a fazer parte do *grupo de louvor* há mais ou menos seis anos atrás e eu comecei a partir do momento que eu fui visitar a atual igreja em que estou. Eu fui lá para cantar uma canção que a pastora Heloísa tinha chamado para cantar e o Josué que é o *líder do louvor*, agora, gostou. Ele ouviu minha voz e gostou de me ver cantando e me chamou para fazer parte da *equipe de louvor*. A partir desse momento é que eu fiz parte da CER. (Bernardo)

A igreja incentiva e apóia os jovens a experimentar a música de louvor e adoração do sagrado, dando-lhes a oportunidade de apresentar-se e construir trajetórias enquanto músicos e artistas. No templo evangélico é oferecido aos jovens o palco e a platéia. Espaço e público disponíveis, *quase que de graça*, o que seria muito mais difícil em outros locais, considerando-se o fato de serem jovens de camada popular. A igreja oferece, ainda, momentos de formação musical, como também de formação religiosa, que se configura como pré-requisito⁶⁷ para adesão ao *grupo de louvor*. Essa formação religiosa nem sempre é a atividade preferida pelos jovens, mas eles se dispõem a se adequarem a algumas regras para estarem no grupo.

O *grupo de louvor* torna possível a concretização de sonhos e experiências para os jovens músicos, ofertando um *kit completo*: palco, platéia, instrumentos, reconhecimento, gravação de CD e DVD e a perspectiva de um grande espetáculo. A música na igreja potencializa a atração

⁶⁶ Bernardo, 18 anos, cursa o 3º ano do Ensino Médio em uma Escola Estadual, localizada perto da sua casa. Apenas alguns membros da sua família são evangélicos. Não namora, mas “fica” com alguma menina.

⁶⁷ Todos os membros do grupo de louvor devem, obrigatoriamente, participar da Escola Bíblica Dominical, aos domingos pela manhã, antes do ensaio. A igreja tem como objetivo educar os músicos na “palavra de Deus” e torná-los fiéis “irrepreensíveis”, considerando a formação religiosa uma contrapartida para a participação no grupo de louvor.

de jovens de outras denominações evangélicas e torna possível, concomitantemente, aos jovens estarem em espaço e em momento de louvor ao sagrado, bem como de construção de identidades individuais e coletivas, por meio da experimentação musical.

Neste sentido, Bernardo encontrou na CER a garantia de expressar o seu “trabalho” musical e, conseqüentemente, foi capaz de mobilizar sua família para estarem juntos na mesma denominação para o “louvor e comunhão com Deus e com os irmãos da igreja”. Durante o tempo que está na igreja, o jovem criou uma rede de relações, que o prendem no lugar. “Já pensei em sair da igreja, já até saí uma vez, mas voltei, porque eu gosto das pessoas lá da CER, dos meninos, dos meus amigos”, Bernardo informa que sua adesão a uma comunidade evangélica e ao *grupo de louvor* torna possível a realização do desejo de ser um “músico profissional”. *Estar lá* significa *fazer parte* de uma rede de sociabilidade que o realiza enquanto sujeito que se constrói na relação com outros jovens, dentro e fora da igreja.

O disco da sociabilidade: possibilidades criadas por um DVD

Chegamos à Igreja Congregacional quando começava a chover. Abner, Vitor e Artur correram até o carro para pegar os instrumentos cuidando para estes não se molhassem, pois que são caros. Mostravam-se solidários uns com os outros. Era um encontro de pastores. Eles eram mais sisudos que *o povo da CER*. O dirigente do culto informou o lançamento do DVD do *grupo de louvor* da CER. Os jovens sorriam uns para os outros; pareciam orgulhosos. O pregador da noite foi um pastor Deputado Federal do Partido Liberal-MG. Foi um culto com muito requinte. Foram apresentados e cantaram duas músicas, referentes à família, tema do DVD. Foram aplaudidos e, ao terminar a apresentação, ficaram na parte externa do templo, beberam água e comentaram sobre a apresentação. Eles riam e se mostravam animados. Não voltaram para o culto e se preparavam para vender os DVDs. Improvisaram uma banquinha com a caixa dos DVDs. ‘Ei, irmão, vamos abençoar o ministério’. Guardaram os DVDs e foram para o salão de festas da igreja, para participarem da festa preparada pelos pastores. Pegaram pratos de salgados e copos de refrigerantes. Eles se dirigiram para o templo, sentaram-se nos bancos perto da bateria (no salão de festas ficaram os pastores). Os *meninos do grupo* conversavam e brincavam. Um pegava o salgado do outro. Zoavam bastante. (Caderno de Campo - observação realizada em 04/11/2006)

A partir da gravação do DVD, em poucas semanas o grupo já pegava estrada para a “turnê”. Foram convidados a se apresentar em igrejas do interior do Estado e da capital. Tratam as novas experiências com certo profissionalismo. Rapidamente, passaram a usar linguagens e práticas do meio artístico: “Temos que verificar na agenda”, “Vou autografar seu DVD”. Brincávamos, “É o problema da agenda cheia”. Por meio da *turnê*, os jovens mostram que, ao passarem mais tempo juntos, se movimentam e combinam novas experiências, escolhas e modos de vida.

O *ministério de louvor* vem promovendo nos jovens, no presente e continuamente, aquilo

que Dayrell (2005, p. 291) observou no âmbito do *rap* e do *funk*. O estilo musical, corporificado no grupo, traz:

Uma significativa ampliação dos circuitos e redes de trocas, sendo o meio privilegiado pelo qual se introduziram na esfera pública. Na gratuidade dessas relações e nas atividades de lazer, vieram construindo formas de sociabilidade próprias, num exercício de convivência social, aprendendo a lidar com as diferenças. O estilo se coloca como um dos poucos espaços onde podem exercer o direito às escolhas,⁶⁸ constituindo, para grande parte deles, um modo de vida.

Os *jovens do louvor* (re)elaboram suas práticas culturais e de lazer. São capazes de criar formas próprias de sociabilidade, nos momentos em que estão juntos nos cultos, ensaios, nas apresentações externas à *igreja local*, nas viagens, na rua, na esquina, no “pedaço”, ou seja, constroem redes de convivência, também, naqueles espaços intermediários entre o privado (a casa) e o público, onde desenvolvem uma “sociabilidade básica”, mais ampla do que a sociabilidade estabelecida no âmbito da família, “porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 2005, p. 178).

Considerações Finais

Os *jovens da igreja* criam formas próprias de sociabilidade, nos momentos em que estão juntos nos cultos, ensaios, nas apresentações externas à igreja, nas viagens, na rua ou nas esquinas do bairro. A igreja contribui na produção de um estilo de ser jovem, numa relação, muitas vezes, tensa, ou seja, ao mesmo tempo em que atrai também repele. Contudo, o ambiente religioso é um espaço atrativo para estes jovens que moram em um bairro da periferia que possui poucos equipamentos públicos de esporte, lazer e cultura. Assim, o templo da igreja e seus arredores tornam-se um ambiente de diversão e encontro não apenas dos jovens evangélicos, mas também de seus amigos e parentes que vêm ali um espaço seguro e afastado simbolicamente daqueles que vivenciam a violência do tráfico de drogas.

As práticas culturais constituídas pelos jovens podem ampliar suas relações sociais e de auto-estima, pois na convivência cotidiana trazem elementos de uma ação educativa: motivação, correção, ensinamento, avaliação, cumplicidade. Os jovens transformam-se e educam-se na relação coletiva. O *grupo de louvor* torna possível aos participantes estabelecer laços de amizade, os quais, na maior parte das vezes, têm em si a razão de ser. Ao fazerem louvor juntos, criam e recriam condições de uma “ação comunicativa” capaz de estreitar laços afetivos e a sociabilidade deles. Na igreja eles dialogam com outros jovens e criam múltiplas formas de tornarem visíveis seus estilos enquanto jovens que são também evangélicos.

⁶⁸ Contextualizando este estudo, no caso da igreja, existem possibilidades de escolhas, mas são possibilidades

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Escrita, 1994.
- ANDRADE, Alenice. *Surfistas de Cristo: um estudo da sociabilidade juvenil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ASSIS, Marcos A. “*Para fora e por dentro*”: trânsito religioso entra a juventude de Belo Horizonte. 2005. Monografia (Ciências Sociais) – Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Angra de tantos Reis: práticas educativas e jovens tra(n)çadas da cidade*. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- DAYRELL, Juez T. A escola faz a juventude? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Jovenes*, 2006.
- _____. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- MAGNANI, José G. C. Os circuitos juvenis urbanos. *Tempo Social*, São Paulo, p. 173-205, 2005.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARIZ, Cecília L. Comunidades de Vida no Espírito Santo: juventude e religião. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 253-273, nov. 2005.
- MARTINS, Carlos H. S. *O charme: território popular urbano de elaboração de identidades juvenis*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.
- MENDOZA, Cupatitzio Pina. *Cuerpos posibles... cuerpos modificados: tatuajes y perforaciones en jóvenes urbanos*. México: Instituto Mexicano de la Juventud, 2004.
- PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Âmbar, 2003.
- SOUZA, André Ricardo de. *Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.
- WEBER, M. *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*. São Paulo: Edusp, 1995.

Abstract: This study aimed at understanding how young Christians of a pentecostal church located at a inner city in Belo Horizonte city, live out and elaborate on their practical cultural. By means it searches ethnographic we search to point the elements that the church adds, the centrality of music and the visual styles adopted by them.

Keywords: Youth. Practical cultural. Style and music.